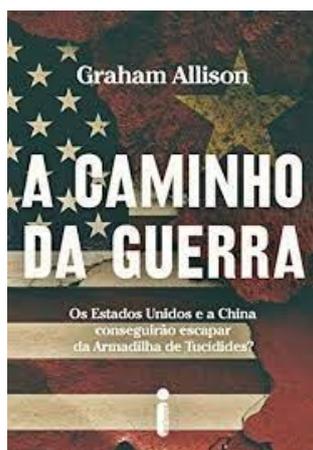


RESENHA

Destruição econômica mútua assegurada: A escalada das tensões entre EUA e China

Maurilio Lima Botelho

251



Resenha de: Allison, Graham. *A caminho da Guerra: os Estados Unidos e a China conseguirão escapar da Armadilha de Tucídides?* Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020, 185 pp.

Tradução de Cássio de Arantes Leite.

A visita a Taiwan de Nancy Pelosi, presidente da Câmara dos Representantes dos EUA, no início de agosto, provocou uma irada reação de Pequim. Navios militares chineses circularam pelo Estreito de Taiwan fazendo exercícios de guerra, aviões sobrevoaram a “província rebelde” e mísseis cortaram o céu da ilha. Cerca de um mês antes, aviões chineses e russos já haviam invadido o espaço aéreo japonês em exercícios militares combinados. A resposta norte-americana foi o deslocamento de porta-aviões, cruzadores e destróieres para o Mar das Filipinas. Também o costumeiro exercício

BOTELHO, Destruição econômica mútua assegurada: A escalada das tensões entre EUA e China

Doi : 10.51308/continentes.v1i20.406

conjunto de forças militares dos EUA e Coreia do Sul foi reforçado diante da tensão na região, agravada por uma ameaça de Pyongyang de atacar o seu meio-irmão do sul. Logo, o Japão anunciou que posicionaria mais de mil mísseis no sul de seu território, em ilhas a cerca de 100 km de Taiwan, com alcance sobre o litoral chinês e norte-coreano. Uma guerra entre China e EUA passou a fazer parte do horizonte, possibilidade alimentada pela hostilidade crescente entre os aliados de ambos no Sudeste Asiático. Nesse cenário assustador, o livro de Graham Allison, *A caminho da Guerra: os Estados Unidos e a China conseguirão escapar da Armadilha de Tucídides?*, parece atual pois discute exatamente o acúmulo de tensões que indicariam uma possível repetição histórica: a guerra entre uma potência dominante e uma potência em ascensão.

Graham Allison é um cientista político norte-americano e professor de Harvard. Foi consultor do Pentágono, conselheiro de diversos presidentes dos EUA em assuntos de defesa e é especializado em ameaça nuclear e terrorismo. O livro em questão é resultado de um projeto de pesquisa chamado “Armadilha de Tucídides”, em que casos históricos de competição entre uma potência em ascensão e uma potência estabelecida são reunidos e analisados.¹ A “armadilha” pode ser sintetizada na formulação de que “quando uma potência em ascensão ameaça substituir a potência dominante, os sinos alertam o perigo iminente” (p. 7). O risco maior é a guerra provocada pelo “enorme estresse estrutural” (p. 51) do deslocamento de poder: “em condições assim, além de eventos extraordinários e inesperados, situações comuns de desavenças em assuntos externos também podem desencadear um conflito em larga escala” (p. 51). Na obra, dezesseis exemplos históricos de “conflitos tucididianos” são abordados para indicar as semelhanças nas tensões oriundas de uma competição interestatal que leva ao deslocamento de poder, sendo que doze terminaram em guerra. A sugestão é que o conhecimento histórico possibilita uma análise dos erros cometidos no passado e isso

¹ O site oficial do projeto pode ser acessado em: <https://www.belfercenter.org/thucydides-trap/overview-thucydides-trap>.

poderia evitar que a atual ascensão chinesa, e sua presumida ameaça à hegemonia norte-americana, termine em guerra.

O título original do livro parece indicar um caminho inevitável: *Destined for War*, mas o autor reforça que a guerra é evitável selecionando também quatro cenários de desfechos sem conflito. Entretanto, esses casos que escapam do “destino” não são exatamente convincentes, pois a argumentação de Allison contorna peculiaridades para encontrar “alternativas pacíficas”. Por exemplo, a competição crescente entre Espanha e Portugal, no fim do século XV, aparece como uma circunstância em que uma autoridade superior, o Papa, amorteceu as tensões e “assim, por quase um século, não houve hostilidades significativas entre os dois países” (p. 234). Allison simplesmente esquece, em sua narrativa, que no século seguinte a União Ibérica “congelou” a disputa entre as duas nações que lideraram as Grandes Navegações até uma insurreição portuguesa na Europa e América (Brasil) pôr fim à unificação no séc. XVII. O mesmo vale para a “paz” nas rusgas entre EUA e URSS, que segundo Allison evitaram “ataques militares diretos”, embora ele mesmo destaque, adiante, as “guerras de procuração” em várias partes do planeta durante a Guerra Fria (p. 238). Também a tensão estabelecida entre EUA e Grã-Bretanha, em que o Império Britânico se sentiu ameaçado pela ascensão *yankee*, só pode ser considerada com resultado pacífico se o ângulo for a “transição” para o século XX. A Guerra da Independência (1776-1783) e a Guerra Anglo-Americana (1812) foram anúncios de uma concorrência interestatal posterior e as vitórias dos EUA – sobretudo porque este não se apresentava ainda como grande potência – foram decisivos para evitar novos enfrentamentos militares. Foi exatamente o histórico de conflitos favorável ao país em ascensão que impediu uma guerra industrial em grande escala posterior.

O último exemplo “pacato” é o que confronta a Alemanha em ascensão com o Reino Unido e França, na década de 1990 em diante. Aqui fica evidente o principal problema da reflexão de Graham Allison: ele pensa o processo histórico como um *continuum* em que atores, instituições e Estados se comportam quase sempre da mesma maneira – por

BOTELHO, Destruição econômica mútua assegurada: A escalada das tensões entre EUA e China

Doi : 10.51308/continentes.v1i20.406

isso a regularidade e a repetição de “padrões históricos perigosos” (p. 7). Não há contextos de socialização distintos, determinações históricas diversas ou – para usar um palavrão para a análise política – *forma de determinação social* (Marx) nos estudos do conselheiro geopolítico. O fato de que todos os casos históricos reunidos por Allison se processem como “conflitos capitalistas” *revela* e ao mesmo tempo *esconde* a fragilidade de um pensamento geopolítico suprahistórico. *Revela* porque salta aos olhos a incompatibilidade de uma formulação estabelecida na Antiguidade Grega (a “máxima” de Tucídides) com a estrutura de Estados modernos, pautados na economia de mercado. *Esconde* porque um leitor desavisado pode simplesmente passar de um caso a outro sem refletir mais cuidadosamente sobre os fundamentos das disputas, dado que o conflito interestatal é uma marca inerente da partilha colonial, da expansão imperialista e do “conflito de sistemas” no século XX – como afirmou Lênin, “alianças pacíficas preparam as guerras e por sua vez surgem das guerras”.² Enfim, o pressuposto de Allison é a naturalização de uma forma social como o Mercado e a ignorância de rupturas históricas em instituições como o Estado. Se nessa concepção de história as disputas entre ilhas gregas há dois milênios servem de padrão e orientação para pensar o conflito atual entre a China e os EUA, seria por demais exigir que nos casos listados o contexto histórico e processual do capitalismo fosse considerado. Seria preciso determinar as diferenças fundamentais, por exemplo, entre os conflitos interestatais no processo de formação do capitalismo (acumulação primitiva e colonização), na ascensão do capitalismo (imperialismo) e na época das guerras devastadoras do capital amadurecido no século XX. Do mesmo modo, a tensão entre China e EUA não pode ser compreendida sem o cenário de crise global do capital. Situações históricas totalmente diversas exigem formulações teóricas distintas. E isso também vale para o último exemplo “pacífico”, pois além da integração econômica no seio da União Europeia, é a proteção de Alemanha, França e Reino Unido oferecida pela última potência mundial

² Vladimir I. Lênin. *O imperialismo: fase superior do capitalismo*. Campinas: FE/Unicamp, 2011, p. 258.

(EUA através da OTAN), que evita o desenlace militar dessa concorrência entre Estados na Europa Ocidental – pelo menos por enquanto.

A relação entre China e EUA não pode ser compreendida nos mesmos termos dos conflitos entre potências do passado porque com o processo de globalização não é possível mais uma análise de entidades econômicas nacionais como se fossem autônomas. Allison comete a redução costumeira de tratar globalização como mera ampliação das “transações comerciais” (165) ou “comércio global” (268) e acha que a interdependência econômica atual tem precedentes já na passagem do século XIX e XX (p. 242). Ou seja, para ele não há nada de muito novo sob o Sol tucididiano e a nossa condição atual é simplesmente assemelhada à situação imperialista clássica, quando o conflito resultava das modernizações econômicas nacionais. É impossível enxergar o potencial conflito entre China e EUA num esquema ilusório de “conflitos pela hegemonia” entre unidades econômico-nacionais, dada a forma assumida pelo “capital global imediato” (Robert Kurz). As estruturas econômicas chinesas e norte-americanas estão umbilicalmente ligadas em todos os sentidos possíveis. Milhares de “empresas norte-americanas” estão produzindo regularmente em território chinês, onde empregam milhões de pessoas e retornam parte de sua produção para a América. A estrutura financeira chinesa tem uma parte crescente de participação de fundos de investimento norte-americanos³ e grandes corporações do Império do Meio tem bilhões de dívidas em dólares.⁴ E mais importante ainda: a estrutura produtiva chinesa depende principalmente do consumidor norte-americano (mas não apenas dele), pois o mercado consumidor doméstico perfaz pouco mais de um terço do seu produto interno bruto (38

³ Aaron Backand e Telis Demos, Wall Street prepara-se para pôr os pés na China, *Valor Econômico*, 01 nov. 2021, disponível em: <https://valor.globo.com/financas/noticia/2021/11/01/wall-street-prepara-se-para-por-os-pes-na-china.ghtml>. Acesso em ago. 2022.

⁴ Na primeira fila está a incorporadora Evergrande, uma das empresas mais endividadas do mundo: Evergrande, China's deeply-indebted property developer, defaults on its dollar debt for the first time, *Fortune*, 9 dez. 2021, disponível: <https://fortune.com/2021/12/09/china-evergrande-group-defaults-dollar-debt-crisis-collapse-restructuring-bonds/>. Acesso em ago. 2022.

%).⁵ Uma parte considerável do estrutural déficit orçamentário dos EUA é financiada pela aquisição de *treasuries* pela China, formando o “circuito deficitário do Pacífico”.⁶

Foi exatamente isso o que expressou o professor de Relações Internacionais da Universidade de Jinan (Guangzhou), Dingding Chen, logo que a Guerra da Ucrânia irrompeu: “a infelicidade com a ordem internacional liderada pelos EUA é profunda”, mas “a atual ordem internacional beneficiou a China, na verdade, enormemente nos últimos 30, 40 anos e a China também contribuiu muito para isso. Para a Rússia, talvez seja uma história diferente”.⁷ Essa também é a opinião de um professor universitário e pesquisador de política públicas de Xangai, Hu Wei, em um artigo comentando os caminhos diplomáticos chineses depois da “operação especial russa”: “a principal prioridade da China é fazer ajustes estratégicos apropriados de acordo, mudar as atitudes hostis americanas em relação à China e salvar-se do isolamento. O objetivo principal é impedir que os EUA e o Ocidente imponham sanções conjuntas à China”.⁸ A avaliação da importância dessa integração econômica com EUA e o resto do Ocidente é fundamental para entender a própria ascensão chinesa e como teve até hoje de se declarar como uma “ascensão Pacífica” e sem preocupação hegemônica.⁹ O fato de que mais de uma dúzia de cidades da Europa Ocidental tenham conexão ferroviária direta com a China expressa mais do que um mundo espacialmente integrado, mas principalmente a natureza imediata alcançada pelo capital global.

⁵ Daniel Zipser, Jeongmin Seong e Jonathan Woetzel, Five consumer trends shaping the next decade of growth in China, disponível em: <https://www.mckinsey.com/cn/our-insights/our-insights/five-consumer-trends-shaping-the-next-decade-of-growth-in-china>. Acesso em ago. 2022. Sobre a dependência chinesa do mercado consumidor norte-americano, ver Hung Ho-Fung, ¿La criada de Estados Unidos?, *New Left Review*, n. 60, jan-fev., 2010, p. 5-24.

⁶ Maurilio Botelho e Marcos Barreira. “Capitalismo asiático” e crise global, in: *Margem esquerda*, n. 37, SP, Boitempo, 2021, p. 59-69.

⁷ Kaiser Kuo, Gauging Beijing’s position in the Russo-Ukrainian War, entrevista com Dingding Chen, *SupChina*, 24 mar. 2022, disponível em: <https://supchina.com/2022/03/24/gauging-beijings-position-in-the-russo-ukrainian-war/>. Acesso em ago. 2022.

⁸ Hu Wei, Possible Outcomes of the Russo-Ukrainian War and China’s Choice, *U.S.-China Perception Monitor*, 5 mar. 2022, disponível em: <https://uscnpm.org/2022/03/12/hu-wei-russia-ukraine-war-china-choice/>. Acesso em ago. 2022.

⁹ Sobre isso ver Matias Spektor e Dani Nedal (orgs.). *O que a China quer?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

É claro que a interdependência econômica entre as duas maiores potências mundiais não é garantia de uma paz futura. Hu Wei alertou para riscos econômicos de uma tensão com os EUA e argumentou enfaticamente que “sob as atuais circunstâncias internacionais, a China só pode prosseguir salvaguardando seus próprios interesses, escolhendo o menor dos dois males e descarregando o fardo da Rússia o mais rápido possível”, mas seu artigo foi censurado pelo governo chinês e removido da internet.

De fato, nos últimos anos, além das hostilidades militares (até então simbólicas), uma série de conflitos econômicos se acumularam entre as duas potências do Pacífico. Começou com a guerra comercial de Trump, que lançou centenas de sanções e aumento de impostos sobre produtos acabados chineses, muitos deles sob alegação de “ameaças à segurança nacional”.¹⁰ A situação avançou para uma disputa pelos semicondutores, colocando Taiwan, o maior produtor mundial de chips no centro do conflito. Agora presenciamos uma retirada mútua de empresas, sejam corporações americanas que estão encerrando sua produção em território chinês,¹¹ sejam empresas chinesas que removeram seus papéis da bolsa norte-americana.¹² Entretanto, apesar de todo esse cenário de “guerra comercial”, a interdependência econômica permanece e em alguns aspectos até mesmo se amplia: em 2021, os EUA obtiveram uma exportação recorde para a China e o terceiro maior gasto em importação da história (o maior volume foi em 2018, quando o conflito comercial já estava em curso).¹³

¹⁰ Sobre isso consultar o levantamento das sanções realizadas pelo Peterson Institute for International Economics, disponível em: <https://www.piie.com/blogs/trade-investment-policy-watch/trump-trade-war-china-date-guide>. Acesso em ago. 2022.

¹¹ Taylor Belford, More than 50 major companies, from Google to Nintendo, pull production from China because of the trade war, *The Washington Post*, 19 jul. 2019, disponível em: <https://www.washingtonpost.com/business/2019/07/18/more-than-major-companies-apple-nintendo-pull-production-china-because-trade-war/>. Acesso em ago. 2022.

¹² Dexter Tiff Roberts, Giant Chinese companies delisting from U.S. exchanges signals the end of an era, *SupChina*, 19 ago. 2022, disponível em: <https://supchina.com/2022/08/19/giant-chinese-companies-delisting-from-u-s-exchanges-signals-the-end-of-an-era/>. Acesso em ago. 2022.

¹³ Dados disponível em: <https://www.census.gov/foreign-trade/balance/c5700.html>. Acesso em ago. 2022.

Se fica evidente que a concorrência entre EUA e China não corresponde a uma competição entre economias nacionais autônomas como na época do imperialismo clássico e estamos bem longe de algo como uma “desglobalização”, então como explicar os conflitos crescentes e o risco de uma guerra?

Graham Allison traz informações importantes para entender os motivos do conflito, principalmente ao apontar o nacionalismo crescente tanto nos EUA quanto na China (cap. 6), mas ele enquadra tudo nessa formulação abstrata da “síndrome tucidiana” (p. 192) e alarga ainda mais o delírio suprahistórico trazendo o “choque de civilizações” de Samuel Huntington para explicar as diferenças de visão de mundo entre chineses e yankees. Como exemplo caricato disso – e já assumindo o seu lado na “guerra cultural” –, Allison apresenta um quadro com as “características culturais” dos dois países (p. 170) onde a *inclusão* aparece como um ponto de discórdia, pois a “sociedade americana é tão inclusiva (sic) quanto a chinesa é exclusiva” (p. 174).

O fato é que há quase uma década uma crescente hostilidade diplomática tem sido adotada pelos EUA em relação à China, o que fica evidente nas declarações e atos de Hillary Clinton, no uso político-eleitoral do “perigo vermelho” chinês por Trump e agora nas alegações do governo Biden sobre “direitos humanos” e “autonomia de Taiwan”. Pouco conhecida ainda nesse processo é a perseguição de estudantes, intelectuais e cidadãos chineses em território norte-americano, sob alegação de espionagem e ameaça à segurança.¹⁴ Por outro lado, a concentração de poder de Xi Jinping, sua perseguição a opositores e uma ideologia que cada vez mais substitui “socialismo” por nacionalismo alimenta a hostilidade.

Mas a questão por trás desse nacionalismo não é um “choque de civilizações” ou a velha lógica imperial, mas as respostas políticas e ideológicas à crise capitalista mundial: as hostilidades se desenvolveram no terreno minado deixado pela devastação econômica

¹⁴ Em 2020, cerca de 400 mil chineses estavam estudando nos EUA. Um amplo levantamento dessa paranoia norte-americana contra chineses está sendo rastreado pelo site *SupChina*, disponível em: <https://supchina.com/sinophobia/page/2/>. Acesso em ago. 2022.

da crise de 2008, que contraiu o mercado consumidor norte-americano, impactou gravemente a economia chinesa e a levou a uma corrida fracassada pela criação de um “mercado interno” substitutivo. Nos dois lados do Pacífico, a retórica do “inimigo externo” e da “segurança nacional” serviu como válvula ideológica, agravada ainda mais pelo fato de a intensa integração econômica fazer do inimigo externo simultaneamente um inimigo interno. E aqui está o problema primordial: se há um ponto certo em *A caminho da guerra*, é que uma competição militar entre esses dois grandes Estados vai acionar uma “destruição econômica mútua assegurada” (MAED) dado o grau de integração (p. 246). Ao contrário de várias das situações históricas prévias analisadas, um conflito militar em grande escala levaria à ruína social dessas duas economias que já estão passando por dificuldades estruturais. Não adianta fazer nenhuma comparação entre a competição entre corporações e a competição entre Estados, com faz Allison (p. 95), quando mais de setenta mil empresas norte-americanas estavam operando na China em 2020.¹⁵

Apesar de economicamente disfuncional, o crescente conflito já se tornou uma necessidade do ponto de vista da legitimação política e da externalização ideológica das consequências da crise capitalista. Longe de uma escaramuça imperialista clássica, onde os interesses econômicos empresariais coincidiam com as aspirações nacionais, o que temos aqui é um “imperialismo de crise” (Robert Kurz) em que a guerra se torna uma necessidade ideológicas diante das condições instáveis de uma economia em retração. Aqui seria preciso lembrar das palavras contidas no chamado *Livro Branco da Defesa Nacional* chinês lançado poucos anos depois dos impactos da crise de 2008: “os temas da segurança são cada vez mais importantes e abarcam a energia e os recursos no exterior, as linhas de comunicação marítimas estratégicas e os cidadãos chineses ou pessoas jurídicas do país no exterior”.¹⁶ Com a crise econômica abalando as estruturas

¹⁵ Peter Hessler, *The Rise of Made-in-China Diplomacy*, *The New Yorker*, 15 mar. 2021, disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2021/03/15/the-rise-of-made-in-china-diplomacy>. Acesso em ago. 2022.

¹⁶ Hung Ho-Fung, *China se estanca*, *New Left Review*, n. 81, jul-ago 2013, p. 169.

sociais chinesas e americanas, uma profunda crise ambiental cada vez mais convertida em crise energética e um grave conflito militar em curso na Europa, uma guerra entre EUA e China parece cada vez mais inevitável. Ao contrário de uma guerra que almeja o topo do poder mundial, esta vai se apresentar como a tentativa de um país amortecer sua queda econômica às custas do outro.

Data da Submissão: 05/09/2022

Data da Avaliação:09/09/2022